

# HISTÓRIAS DE LEITURA DE UM DEPUTADO FEDERAL: O POETA WEIMAR TORRES

Adriana Viana<sup>1</sup>

Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO: CAMINHOS DA LEITURA

Humildade

Ah! A aventura de viver humildemente

E, assim humildemente amar o mundo inteiro;

Querer bem a uma pedra, um ninho, uma semente,

A ver em cada amor o amor mais verdadeiro [...].

Weimar Torres. (Meus Versos, 1970, p.18).

Weimar Torres constitui-se como uma personalidade importante para a consolidação de práticas de leitura no município de Dourados, tanto pela editoração do jornal quanto por sua dedicação à literatura regional. Na primeira edição do jornal *O Progresso*, ele escreve uma coluna agradecendo a oportunidade de instalar um jornal em Dourados e, assim, prosseguir com as “vitórias” de seu pai. Declara que sua intenção é proporcionar o crescimento da cidade, e compartilhar com todas as camadas sociais as opiniões e informações que merecem ser destacadas.

Embora tenha falecido aos 46 anos, os seus diários (8 volumes manuscritos) e as suas produções poéticas (dois volumes datilografados e corrigidos a caneta) permitem observar que seus anos de existência foram vividos com intensidade. Em seus registros, tem-se a imagem de um homem que foi político, empresário, leitor, escritor e incentivador de práticas de leitura. Para se averiguar essas marcas de leituras e os meios sociais em que se vinculavam as obras do escritor na década de 60 e 70, faz-se necessário dialogar com alguns especialistas sobre o assunto, tornando-se indispensável mencionar a transição da História da Literatura e de seus leitores.

O século XVIII ficou marcado pela censura e controle de livros por parte da coroa portuguesa, e mesmo assim os leitores não desistiam de adquirir alguma obra. A escritora Márcia

---

<sup>1</sup> Formada em Letras.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados e orientadora da pesquisa.

Abreu, em *Os Caminhos dos Livros*, revela dados teóricos sobre a procura pelas obras e o controle da leitura desses textos. As proibições eram feitas pela Mesa do Desembargo do Paço com a intenção de não permitir uma revolução, já que a leitura proporcionaria o conhecimento de outras possibilidades de vida. A escritora afirma que no Brasil colonial não havia leitores justamente por não haver incentivo tais como bibliotecas, livrarias, instituições ligadas ao livro e à leitura, meios culturais e outros que fornecessem a instituição de um significativo grupo de leitores. Antes da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, apenas 110 obras a cada ano chegavam à cidade com cerca de 50 mil habitantes. Com a chegada da Família Real as vivências culturais se alteraram, pois, trouxeram para o Brasil a instalação de bibliotecas, espaço literário, livreiros, criaram jornais ampliando assim o contato com a leitura. Mas como aponta Abreu o acesso a obras ainda continuava restrito.

É bem verdade que a população aumentou de forma significativa com a chegada da corte e seus acompanhantes, mas o acréscimo na quantidade de livros não pode ser atribuído, entretanto, unicamente a transferência da corte, pois o transporte da biblioteca dos nobres e seus acompanhantes deve ter-se realizado sem a intervenção das instituições responsáveis pela censura, já que no ano de 1808, apenas 12 pessoas submeteram pedidos de autorização, das quais apenas duas diziam estar se transferindo para o Rio de Janeiro. (ABREU, 2003, p.40)

O pequeno número de leitores está relacionado não apenas ao controle, mas também à aquisição das obras, em que apenas os que tinham poder aquisitivo poderiam comprar. As obras demoravam meses para chegar à cidade, isso quando não se perdiam em meio a outras mercadorias transportadas no navio, ou comidas por traças e ratos. Essas informações nos remetem à situação atual de leitura, ainda se sofre com o controle e a acessibilidade aos livros, pois o número de leitores ainda continua inferior referente ao número de habitantes, e o acesso é facilitado muitas vezes apenas para a elite.

Dentre os dados levantados, Márcia Abreu fornece os tipos de obras lidas na época e faz pressupor os seus leitores. Com sua árdua tarefa, resgatou apenas registros sobre os pedidos das obras, mas nada sobre quem fazia esses pedidos. No Rio de Janeiro, a Literatura ocupava as primeiras posições de livros mais apreciados. Segue as obras que mais estavam presentes na cultura letrada do Brasil no século XVIII:

Romances enviados entre 1769 e 1807: Les aventures de Télémaque; Histoire de Gil Blas de Santillane; Le voyageur françois; Caroline de Litchfield; El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha; História do Imperador Carlos Magno; Lances de la ventura, viagens de Altina; Delli viaggi di Enrico Wanton; O feliz independente do mundo e da fortuna. Romances enviados entre 1808 e 1826: Les aventures de Télémaque; Les mille et une nuits; Histoire de Gil Blas; Magazin d' enfants; História do Imperador Carlos Magno; O feliz independente; Lances da ventura; Thesouro de meninos; o piolho viajante; Voyage de La Perouse; Voyage du Jeune Anacharsis em Grece; El ingenuoso Hidalgo Don Quijote de la Mancha; Robinson Crusoe; Oeuvres de Lesage; Paul et Virginie; Oeuvres de Prevost; Scenes de l'avie du grand monde.(ABREU, 2003, p.131)

A pesquisadora não encontrou informações sobre leitores, mas podemos observar as riquezas que faziam parte do estilo cultural e a finalidade da leitura como algo que os levava para o conhecimento das melhores obras. As leituras de romances eram realizadas em voz alta para toda família, crianças e adultos. Nesse período, diversos teóricos defendem a Literatura como algo estruturado para humanizar a sociedade, e a igreja a utilizava para impor os conceitos morais, propondo que apenas os que seguissem as regras impostas teriam a salvação eterna. Mesmo com todas as conjurações e dificuldades de impressões, a literatura não deixou de fazer parte do dia-a-dia dos amantes da leitura, porque ela permite a escolha de novas oportunidades e faz refletir sobre os acontecimentos de um determinado momento. O teórico Antonio Candido aponta a Literatura como algo que modifica a conduta do indivíduo e, dependendo da aceitação dessa obra, pode até transformar os conceitos e valores de toda uma sociedade. Com essa repercussão e valorização, a Literatura passa a assumir *status* diferenciados pela sociedade. No século XX, a arte passou a ser aceita com mais flexibilidade, estudiosos se aprofundaram em seus significados, definições, estruturas, escritores e as funções de todo o conjunto dentro de um meio social. Na obra *Cultura letrada-Literatura e leitura*, Márcia Abreu destaca as exclusões que permaneceram vivas na sociedade. Mais uma vez a questão econômica entra como fator a ser discutido. A Literatura popular e erudita é aceita de forma diferenciada pelos estudiosos. Os textos são divididos de acordo com a popularidade do escritor e, como afirma Abreu, apenas os textos que forem considerados de prestígio pelas “instâncias de legitimação” é que devem ser aceitos por todos os leitores:

Para que uma obra seja considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literária pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os exemplos culturais dos grandes

jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. (ABREU, 2003, p. 40)

Ou seja, apenas os textos escolhidos pela elite são considerados de importância para a circulação, e apenas eles devem seguir como exemplos de “grandes obras”, desprivilegiando, assim, a literatura oral e os textos dos escritores que não foram hierarquizados. A imagem que se tem do lugar do autor na sociedade conta muito para a classificação do texto, ele deve ser reconhecido pela população e ter envolvimento com importantes fatos sociais. Somos pressionados a escolher apenas obras renomadas para nos incluirmos na cultura letrada, onde se avaliam que apenas dessa maneira criamos gosto estético e cultural. Dessa forma, a população carente e com pouca instrução é considerada inapta para a realização de tais obras por falta de leituras suficientes, mas isso não desqualifica seu interesse pela leitura. Para Candido, a arte erudita e popular tem praticamente o mesmo objetivo de expressão. O grupo se manifesta de acordo com suas necessidades, utilizam a linguagem ou escrita para explicar de forma ilusória ou fantástica a sua realidade. Valoriza o mundo do outro, pois, por mais primitivo ou civilizado que seja, sempre transmitirá riquezas relevantes:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manifestação técnica, indispensável à sua configuração, e ampliando uma atividade de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. Isto ocorre em qualquer tipo de arte, primitiva ou civilizada (CANDIDO, 1967, p. 53).

Todo artista pretende transmitir para os receptores certo conjunto de significados sobre sentimentos ou assuntos envolvendo questões sociais. No entanto, a escolha desses assuntos pode se tornar desinteressante para alguns leitores se o escritor não for renomado. Nas visitas ao jornal *O Progresso* pudemos perceber o grande incentivo pela leitura dos cânones, sempre abordando colunas sobre poemas, trovas, versos e outros de diversos escritores e assuntos. O professor José Pereira Lins escreve vários ensaios intitulados “Livros, sempre livro”, retratando o surgimento da escrita, os valores culturais e a importância de algumas obras e sobre tais escritores.

... O livro é a Luz do coração, o espelho do corpo, guia das virtudes, repelidor dos vícios. É a coroa dos prudentes, o companheiro de viagem, o amigo caseiro, o entretenedor do enfêrmo... (LINS, *O progresso*, 29 de julho de 1956).

Lins tem por objetivo avaliar e motivar o interesse por certas obras clássicas, fazendo referência e algumas explicações sobre as obras *A Divina Comédia* e *Os Lusíadas*, valorizando o trabalho dos escritores e revelando sua grande preocupação pela falta de leitura dos adolescentes:

Felizmente ainda há quem leia Camões. Dias atrás surpreendi alguém declamando-o magistralmente: era um senhor de meia idade, mais velho do que moço. E preciso frisar bem isso, pois a mocidade de hoje já não lê e quando não o ignoram totalmente... (LINS, *O Progresso*, 30 de dezembro de 1956).

O jornal valoriza não apenas os cânones, mas também os escritores da região, trazendo suas contribuições literárias para a população de Dourados, por exemplo, a escritora Mercedes Amiki, como aborda a coluna do jornal, nova moradora da cidade com *Dons poéticos*, brinca com os versos e transmite com facilidade seus objetivos, escreveu vários poemas sobre a cidade e foi uma das grandes homenageadas pelos editores. Outro escritor regional muito respeitado na época é Joaquim de Sant' Osvaldo, que também contribui com sua poesia em várias colunas do jornal:

Além de sua profissão, Sant' Osvaldo tem pendores para a poesia. Qualquer acontecimento registrado é logo interessadamente transmitidos em versos pelo improvisado, vate que vem conquistando a simpatia de todos aqueles que tem o prazer de conhecê-lo. (*O Progresso*, 04 de novembro de 1956).

A estes exemplos que valorizam o trabalho do poeta como algo único faz refletir sobre a hierarquia em que consiste a divisão das obras e quem as lê. Não tivemos informações consistentes sobre quem lia os jornais, mas diante da pesquisa realizada sobre a população da época na obra *Aspectos históricos do povoamento e da colonização*, de Alice Lori, pudemos constatar que a maioria era trabalhador rural, ou seja, tinham pouco acesso à leitura e os habitantes não passavam de 14.985. Mesmo assim, Weimar investiu em uma tipografia acreditando na capacidade do crescimento econômico e cultural dessa cidade.

Diante da experiência adquirida na coleta de dados e reflexões sobre os teóricos aqui citados, consideramos a arte como algo livre para os vários indivíduos, o que pode ser de grande

relevância para um pode ser ignorada pelo outro, a alteridade deve ser respeitada, é na leitura que ativamos o nosso conhecimento de mundo que é adquirido individualmente. No entanto, Abreu considera o ato de ler um valor social que deve ser acessível para todos, não importa a classe e nem por meio de qual objeto o fará, o importante é ser apreciado:

Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc.). É contrastá-lo com nossas idéias sobre ética, política e moral. É verificar o quanto ele se aproxima da imagem que fazemos do que seja literatura (ABREU, 2003, p. 99).

A leitura está vinculada a uma série de discussões sociais. Uma delas é proporcionar o poder e o saber que se torna perigoso para os dominantes, pois ela permite a formação de opiniões e abre as portas para questionamentos, como por exemplo, a imagem que temos de nós como cidadãos, questões políticas e religiosas, e o conhecimento da existência humana e seus direitos. Contribuindo para o debate, Eneida Maria de Souza aponta a Literatura como um fator que deve ser melhor aproveitado e avaliado, aumentar nas agendas escolares o espaço artístico e ser considerada como forma de interdisciplinaridade pois nela está contido não apenas conteúdos do sentimento humano mas os acontecimentos de uma determinada época e região.

O ato de escrever, para Candido, está relacionado não apenas em descrever um personagem com problemas sociais, mas em como as experiências sofridas irão influir na vida do leitor, e se tal fato nada se referir aos acontecimentos da época e se identificar com o leitor, o trabalho será perdido. Para melhor refletir sobre a atuação da literatura e o seu espaço merecido na sociedade, o escritor aponta consideráveis contribuições que ela exerce no meio em que circula, dependendo do conceito de cultura de cada grupo:

O conceito de cultura que eu defendo [...] denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Portanto a totalidade das linguagens e das ações simbólicas próprias de uma comunidade constitui a sua cultura” (CANDIDO, 1967, p.35).

De acordo com ele, a Literatura permite conceitos vinculados com a história, ou seja, muitos dos símbolos utilizados fazem relação com a imagem que se tem do passado, ajudando a

compreender o presente de uma determinada comunidade, pois, mesmo antes do surgimento da escrita, os primitivos já sentiam a necessidade de explicar de alguma forma os acontecimentos a sua volta. Um exemplo claro dessa necessidade de compreender a Literatura como algo herdado é este próprio artigo, em que recorreremos às várias informações de diversas épocas, principalmente nas encadernações do jornal e os registros nos cadernos de anotações, para assim compreender os valores sociais de um escritor e sua pretensão de conteúdo para uma determinada população.

Perante tais informações sobre os estudiosos, temos por objetivo nesse texto investigar a relação entre obra e escritor e seus efeitos visando a sociedade de uma determinada época. Primeiramente, foi necessário perceber a nítida contribuição da linguagem e o seu sentido literário como meio implícito ou explícito de informar sobre as necessidades humanas. Assumimos o compromisso, neste artigo, de investigar em suas obras e anotações, o envolvimento social e a contribuição de Weimar Torres para com os leitores douradenses, refletindo sobre a pretensão de seus poemas, a referencia ao patriotismo e a sua paixão pelas riquezas e crescimento da região

### O FAZER POÉTICO: MATERIALIDADE E CONSTRUÇÃO

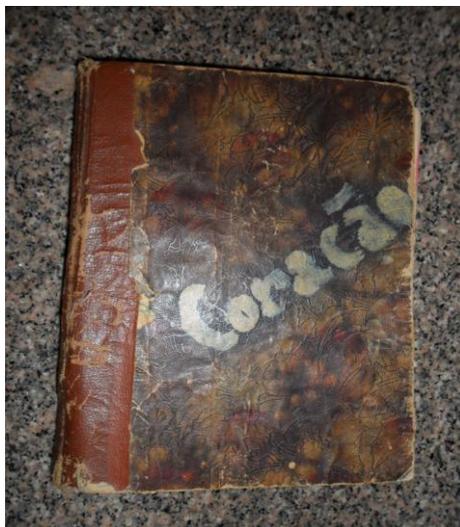
Meu Coração de Estudante,  
Que não esqueço um instante...  
Ó relicário odorante  
Da minha grande paixão...  
Pagão tu és meu batismo,  
Se rezo és meu catecismo  
De perenal oração...!  
Weimar Torres. (Coração de Estudante, 1941, p.9).

Como afirmado anteriormente, no presente artigo, apresentamos a análise comparativa entre os cadernos de anotações intitulados *Coração de Estudante e Juventude*, que parece ter sido um ensaio para uma futura publicação. Desses cadernos, nasce o livro *Meus Versos*, edição póstuma dos versos do escritor, organizada por sua esposa em 1970. No prefácio do caderno de anotações *Coração de Estudante*, Weimar revela o início de suas inspirações aos 17 anos, registrando sempre as decepções e empolgações vividas por um adolescente romântico e patriótico.

Coração de estudante – foi o nome com que batisei este livro, este meu pobre livro – catecismo de meu coração e meu evangelho de amor [...]

Coração de estudante – é um coração de adolescente a palpitar com a maior pujança que a vida pode dar!

Desde então quando sofria alguma dor e se alguma tristeza me apunhalava o coração eu transformava essa dor num verso... e sofria menos [...] (Coração de Estudante, 1941, p.5)



Ele compara sua obra com um filho, em que o pai o entrega ao mundo. É importante observar que, na década de 40, o Brasil estava passando por várias faces de mudanças e transtornos, declara guerra aos países do eixo, e se inicia alguns movimentos literários como o segundo período do modernismo em que muitos escritores regionalistas estavam preocupados em expressar as vivências dos povos de sua região:

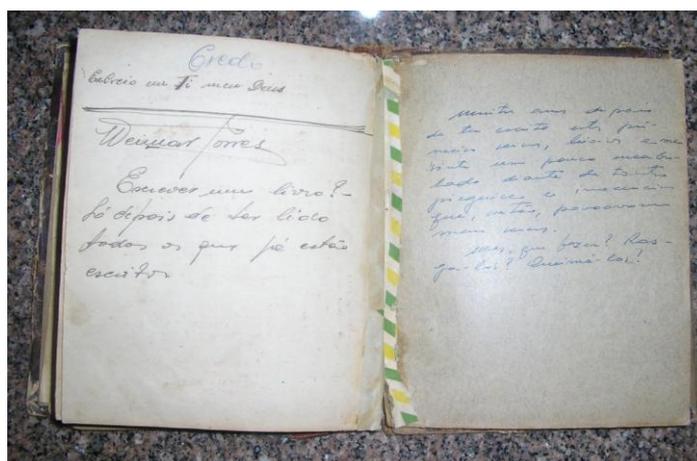
E... Adeus meu pobre livro...

Vai e dize ao mundo tudo o que sente um coração de adolescente, um coração em flor de um estudante que ama, que sofre, que delira e sonha... Adeus... meu coração de estudante! Adeus (Coração de Estudante, 1941, p.6).

Na foto acima, podemos observar que o caderno *Coração de Estudante* possui características de um pequeno livro de capa dura marrom. O título “Coração” está escrito a dedo com tinta branca. Na contracapa, apresenta uma colagem de dois jovens apaixonados e um poema de sua autoria cujo tema é “Sublime Mendigo”. No geral, o caderno está em processo de decomposição devido a má conservação, apresentando 101 páginas. Os poemas estão na maioria datilografados e outros escritos a lápis ou caneta.



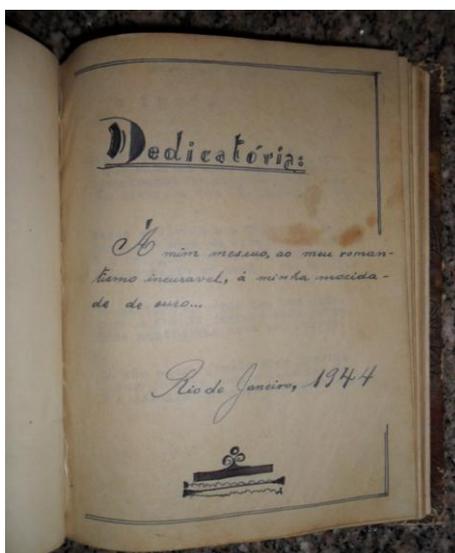
Pode-se perceber na 5ª página uma pequena foto de Weimar aos 17 anos e logo abaixo sua assinatura com a data de 1941 e ao lado outra assinatura com a data de 1963, tal observação faz pressupor que o poeta escreveu seus versos há algum tempo atrás e só depois de muitos anos voltou a analisá-los na intenção de publicá-los. Algumas datas registradas mostram que a construção do caderno foi realizada enquanto estava cursando Direito no Rio de Janeiro. Ele faz algumas correções ao lado dos poemas datilografados e, muitas vezes, exclui a escrita anterior com a marca de negação. Outro fator que faz pressupor que o escritor resgatava seus poemas depois de vinte anos são as anotações que ele faz na última folha do caderno *Coração de Estudante*, em que ele questiona a construção de um livro e seus “inocentes” poemas:



Escrever um livro? – Só depois de ter lido todos os que já estão escritos. Muitos anos depois de ter escrito estes primeiros versos, leio-os e me sinto um pouco encabulado diante de tanta pieguice e inocência que, então, povoavam meus versos.

Mas, o que fazer? Rasga-los? Queimá-los? (Coração de Estudante, 1941, p.102).

Percebe-se que Weimar menosprezou os poemas contidos nesse caderno por considerá-los imaturos e serem suas primeiras construções de sentido na adolescência. Mas alguns deles foram publicados no livro póstumo juntamente com os poemas do segundo caderno de anotações, *Juventude*. No caderno *Juventude*, os poemas estão distribuídos em 85 páginas datilografadas e com poucas correções, apresenta as mesmas características do caderno anterior, capa dura marrom e uma foto de Weimar na terceira página. O caderno parece estar pronto para uma futura publicação, sua conservação física se encontra em bom estado. Na quarta página escreveu a caneta o poema “Juventude”. A dedicatória é destinada a si mesmo: “*Á mim mesmo, ao meu romantismo incurável, à minha mocidade de ouro.*” (Rio de Janeiro, 1944).

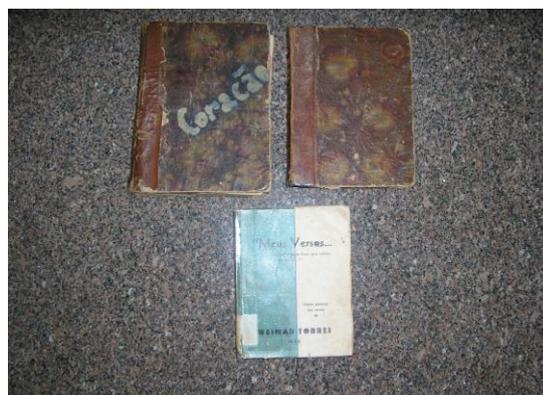
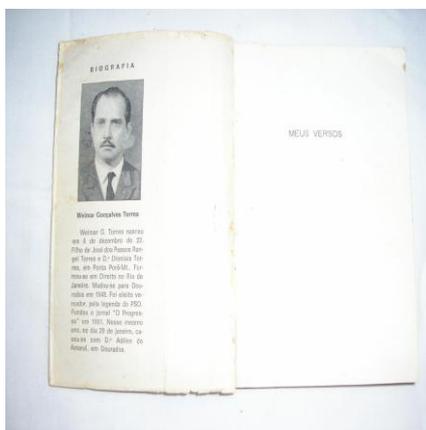


Tal dedicatória não foi mencionada no livro póstumo. Ao passar as páginas, encontra-se uma marca de positivo, ou seja, os poemas que foram escolhidos para a publicação.

Como apresenta seu amigo de infância, Elpídio Reis, no prefácio de *Meus Versos*, muitos dos poemas não foram publicados:

Esta edição póstuma dos versos de Weimar, – punhado de flores para enfeitar sua tumba, como êle disse – apresentará, como todo livro de poemas preparado depois da morte do autor, falhas que os mais entendidos saberão perdoar. Por exemplo: quando o próprio autor prepara a edição, deixa de lado muitos versos, poemas, que julga não estarem à altura de tantos outros; dá-lhes a seqüência que considera mais apropriada para a apresentação, corta, acrescenta, burila, ajeita a moda de seu gosto artístico, enfim (Meus Versos, 1970, p. 9).

Em dois de setembro de 1970, o jornal *O Progresso* divulga que em breve seria lançado o livro *Meus Versos* e o dinheiro arrecadado com as vendas deverá ser inteiramente em benefício da Casa da Criança Desamparada de Dourados. A obra póstuma apresenta 171 páginas apenas com os poemas, versos e crônicas encontrados nos dois cadernos de anotações. Na contracapa se faz uma breve biografia de Weimar e uma foto, similar a que ele sugeriu nos cadernos.



Tendo em vista que Weimar nasceu no início do século XX, época em que as influências do modernismo estão atônicas, diante das observações das construções poéticas do escritor, verifica-se sua grande paixão pelas características românticas, escreveu vários poemas carregados de emoções, dores e felicidades vividas pelos amantes:

[...] E tu fontes, porque choras?  
— Eu choro por não ter alma, por nunca poder amar!!! (Juventude, 1944, p.70)

E por outro lado revela uma admiração pelo regional, escrevendo vários temas sobre as belezas e conquistas do município de Dourados, que foi oficialmente criado em 1935. É importante lembrar que as primeiras obras regionais surgiram entre 1930 e 1945, nessa fase da literatura, os escritores se debruçaram nas transformações do país, assimilando algumas das características estéticas do romantismo, como a valorização da natureza, viagens a terras desconhecidas e patriotismo. Nas construções poéticas de Weimar, podemos perceber as descrições sobre o local, os costumes, acontecimentos, crenças, descrição do ambiente e valores. Dessa forma, o poeta apresenta em sua obra *Coração de Estudante* um período de subjetividade, descreve seus amores e seus sonhos em relação ao crescimento de Dourados e às riquezas de sua cidade natal, Ponta Porã:

Rainha dos ervais, flor de aliança

Tu és a doce donzela de esplendor  
Que eu celebro em meu verso de esperança  
Que eu venero no altar do meu amor [...] (Meus Versos, 1970, p.78).

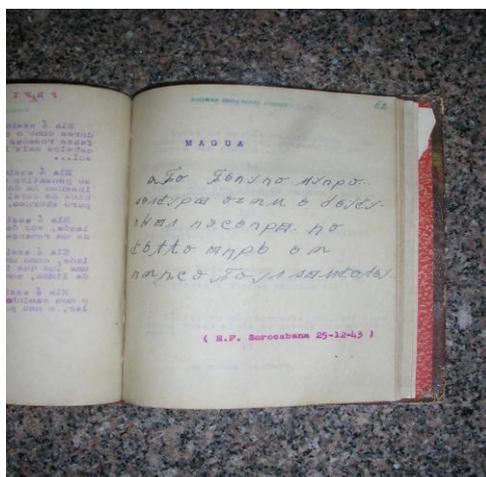
#### Saudação a Dourados

Dourados, minha cidade cabocla, índia-princesa fagueira de sonhados encantos, de purezas de anjo e feitiços de mulher! (Meus Versos, 1970, p.147).

De acordo com o professor e pesquisador comparatista Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, em sua obra *Fronteiras do Local*, o regionalismo é uma forma positiva de demonstrar as características de certa região, toda obra é regional por se inspirar nas cores locais, crenças, paisagem e outros. Tal período literário permite a construção de identidade, revelando para outras culturas o que se pode encontrar em determinada região.

Entretanto, cabe assinalar o fato de que, se toda obra de arte é regional, isso não elimina seu componente de nacionalidade e universalidade. Assim regionalismo e/ou localismo põem em demanda, por um lado, uma atitude de valorização da cor local na ficção, a paisagem da campanha, paisagem interiorana, paisagem fronteira, influxos de migrações e ainda, por outro, abrem-se de todo modo positivo para uma reflexão mais ampla e integradora da dialética globalização versus localização [...] (SANTOS, 2008, p. 33).

De fato, o escritor regionalista Weimar Torres contribuiu para as manifestações culturais da cidade de Dourados, o poeta também demonstrava certo interesse por símbolos, seu poema “Magua”, na página 62 do caderno *Juventude*, é todo construído por letras artísticas que não conseguimos traduzir. No livro póstumo o poema não foi publicado. Para maior compreensão e interesse pela escrita, apresentamos uma foto do poema:



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante tais observações e análises, é importante destacar que a vida do escritor não se resumia apenas em versos e poemas, Weimar também escrevia para as colunas de seu jornal assuntos sobre política, progresso de Dourados e sua satisfação pela criação de uma editora na cidade. Suas várias manifestações literárias e políticas foram de grande contribuição para a consolidação de práticas culturais na cidade. Coube neste trabalho primeiramente observar os registros que demonstram ter sido um verdadeiro amante da escrita e da leitura. Weimar Torres preocupou-se não apenas com as construções de sentido, mas também contribuiu no incentivo da Literatura como algo indispensável para os moradores. Na pesquisa realizada nas encadernações do jornal, encontrei várias informações sobre o incentivo e as preocupações em criar bibliotecas para os moradores. Vários outros membros contribuía com a manifestação literária, como por exemplo, a campanha para doações de livros, realizada pelo poeta Vicente de Carvalho: *“Se por qualquer eventualidade você não puder doar um livro, venha lêr um, dos que já possuímos”* (*O Progresso*, Dourados 26 de agosto de 1970). Os moradores participavam de eventos que visava à arrecadação de livros e criação de bibliotecas, como o Baile das Bruxas, que tinha como objetivo arrecadar dinheiro para a instalação de uma biblioteca no colégio Estadual Presidente Vargas.

Em relação ao regional, a escrita de Weimar contribui para a imagem histórica de Dourados. A partir de suas descrições pudemos perceber uma cidade que estava em construção tanto financeira quanto intelectualmente. Nas colunas do jornal *O Progresso*, percebe-se o interesse de diversos jovens douradenses que migraram para outras cidades em busca de conhecimento superior. Diante da escrita regionalista, é importante destacar o interesse político de Weimar: procura proporcionar meios para contribuir com o “progresso” de Dourados, investindo em veículos, construções de lojas, agricultura, educação e eventos culturais.

É categórico perceber em seus versos, a vasta complexidade e minuciosidade em que Weimar construiu seus cadernos de anotações. Escolher apenas alguns poemas para serem citados gerou certa tensão. Parece que o objetivo não foi a de diminuir a obra em poucos versos, e sim observar o seu sentido integral dentro de uma determinada época. A oportunidade de ter em mãos os dois cadernos de anotações, e que um dia pertenceram ao próprio escritor me fez retroceder e compreender um jovem que tinha muitos sonhos e aventuras. Seus versos foram

escritos há 70 anos e ainda dialogam com as emoções da juventude atual, “... vai dizer ao mundo tudo o que sente um coração de adolescente...”. Penso que realmente era essa vontade de Weimar: transmitir desejos e paixões que foram vividos intensamente, mas não como algo único que será esquecido, mas algo que mesmo depois de sua morte vagará pelo mundo:

[...] Versos que eu sei guardar entre as coisas mais gratas da existência e que eu quero reler piedoso pelos anos em fóra, até que a morte me atire sob a esteira da terra e eles fiquem vagando pelas plantas do mundo ou se transformem, doridos, em punhados de flores para enfeitar minha tumba... (Meus Versos, 1970, p.12).

#### Referências:

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura no Brasil (ABL); São Paulo, SP: Fapesp; 2005 (Coleção História da Leitura).

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

GRESSLER, Lori Alice. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Estado: L.A Gressler, 1988.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do Local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2008.

SOUZA, Eneida Maria. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: ed. UFMG 2007.

TORRES, Weimar Gonçalves. Caderno de Anotações *Coração de Estudante*, 1941 e *Juventude*, 1944.

TORRES, Weimar Gonçalves. *Meus Versos: edição póstuma dos versos de Weimar Torres*. Ed. Alvorada - Campo Grande MT, 1970.

Encadernações do jornal *O Progresso*, 1920 a 1971.

Sites:

*Do Romantismo ao Concretismo, conheça as escolas literárias brasileiras*. Disponível em: [http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/materia\\_408550.shtml](http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/materia_408550.shtml). Acessado em 30 de março de 2010.

*História de Dourados*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Regionalismo>. Acessado em 26 de julho de 2010.